



## BRASIL EM TEMPO DE CINEMA – ENSAIO SOBRE O CINEMA BRASILEIRO DE 1958 A 1966\*

Henrique José Vieira Neto\*\*  
Universidade Federal de Uberlândia – UFU  
[hjvneto@yahoo.com.br](mailto:hjvneto@yahoo.com.br)

O livro de Jean-Claude Bernardet, **Brasil em Tempo de Cinema** – Ensaio sobre o Cinema Brasileiro de 1958 a 1966, relançado no primeiro semestre de 2007 pela editora Companhia das Letras, comemora seus quarenta anos (1ª edição, Civilização Brasileira – 1967) e mantém-se ainda como um texto primoroso.

Sem parecer datado, este breve (porém profundo) estudo acerca do cinema brasileiro é um riquíssimo painel do país que emergiu no momento histórico posterior à Segunda Guerra Mundial (1939-1945), isto é, inicia-se com o fim da ditadura estadonovista de Getúlio Vargas, passando pelo auge do populismo com a Era Juscelino Kubitschek, Jânio

Quadros e João Goulart, e chegando à derrocada das propostas populistas com o golpe civil-militar de março de 1964, que derrubou o governo de Jango.

O Brasil rural e agroexportador dos inícios do século XX cede espaço para uma nação que se urbanizava e ampliava consideravelmente seu parque industrial, embalado pelas políticas nacionalistas e desenvolvimentistas propaladas pelos governantes. Essa amálgama sociopolítica e econômica permeou (e influenciou) o desenvolvimento de estéticas narrativas **sui generis** dentro do cinema brasileiro, em um período crucial de nossa História, ou seja, o final da década de 1950 até 1967, ano que antecede ao



\* BERNARDET, Jean-Claude. **Brasil em tempo de cinema** – Ensaio sobre o cinema brasileiro de 1958 a 1966. São Paulo: Cia. Das Letras, 2007.

\*\* Graduado em História pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

fechamento total do regime militar e o amordaçamento das resistências ao mesmo, com a edição do Ato Institucional nº5, em 13/12/1968.

O autor, Jean-Claude Bernardet, nasceu na Bélgica, mas é de ascendência francesa. Radicado no Brasil desde 1949, sempre exerceu alguma atividade relacionada ao cinema brasileiro. Em meados dos anos de 1960, juntamente com Nelson Pereira dos Santos e Paulo Emilio Salles Gomes, Bernardet tentou implementar um curso de cinema na futura Faculdade de Comunicação de Massas, ligada à então criada Universidade Nacional de Brasília (UnB). Contudo, os acontecimentos de Março de 1964 abortaram tais planos, afastando involuntariamente Bernardet dos meios acadêmicos.



O núcleo do livro resenhado fazia parte da Dissertação de Mestrado de Bernardet a ser defendida na UnB, porém, a “caça às bruxas” promovida dentro das universidades brasileiras, a partir de 1964, retardou sua publicação por três anos. Em 1967, **Brasil em Tempo de Cinema** foi editado em forma de ensaio analisando quase dez anos do cinema brasileiro (1958/1966); uma cinematografia oriunda das chanchadas da Atlântida, das tentativas industriais da Companhia Cinematográfica Vera Cruz e do surgimento, principalmente, do chamado “neo-realismo” brasileiro, desaguando posteriormente no movimento do “Cinema Novo”. O ápice dessa proposta é representado pelo filme *Terra em Transe* (1967, Glauber Rocha), que foi interditado pela censura do governo Costa e Silva, no mesmo ano de lançamento do livro de Bernardet. Tal obra é comentada no livro, com base apenas em seu roteiro, uma vez que Jean-Claude não assistiu ao filme devido à sua proibição.

Esse episódio foi emblemático, quase alegórico, pronunciando o declínio do movimento cinemanovista e a emergência de perspectivas cinematográficas mais diversificadas (e contestatórias) como o Cinema Marginal. No final da década de 1960, o cinema brasileiro enfrentava ainda uma enorme crise diante do avanço da televisão, que se difundia como o grande veículo de comunicação de massa, devido às “facilidades” em adquirir eletrodomésticos pela classe média, então beneficiada pelas políticas econômicas instituídas pelos governos militares, que ampliaram e fomentaram o vertiginoso endividamento externo do país.

Escrito no auge dessa efervescência política e cultural, na qual as atitudes e os discursos ideológicos se exacerbavam tanto à direita quanto à esquerda, o livro de Bernardet é crucial para compreendermos grande parte da formação estética, política e social do cinema brasileiro que foi gestado em um tempo de extremos, onde a ânsia pela construção de uma sociedade mais justa (e socialista), chocava-se com as forças reacionárias da política brasileira ainda dominada pelos resquícios do arcaísmo oligárquico e, ao mesmo tempo, pela influência cultural advinda primordialmente dos “modelos” ditados pelo capitalismo internacional simbolizado pelos E.U.A.

Revistos recentemente, alguns dos filmes analisados por Bernardet em seu livro<sup>1</sup> comprovam toda a pujança, lirismo e resistência que aquele cinema (precário tecnicamente) expressava numa época em que as esperanças sociais e políticas traduziam-se em formas renovadas de manifestações culturais, voltadas para uma realidade nacional repleta de disparidades sociais, políticas e econômicas.

Tais obras, com exceção de *O Pagador de Promessas*, que foi sucesso de bilheteria (impulsionado pelo prêmio obtido no Festival de Cannes), eram intelectualizadas e tiveram reduzida exibição pelas salas do país. Os documentários ficavam restritos às cinematecas e aos circuitos universitários, distantes do grande público.

O Cinema Novo, peculiar, poético e instigante, às vezes hermético em sua linguagem influenciada pela “intelligentsia” cinematográfica, a partir de 1964 torna-se cada vez mais alegórico e distante do público, em parte devido à implacável perseguição da censura.

Todavia, as películas analisadas por Bernardet refletem uma sociedade em transe; um transe letárgico que conduzia sempre a lugar nenhum – o Brasil permaneceu imobilizado por mais de duas décadas.



<sup>1</sup> Cabe mencionar os documentários *Arraial do Cabo* (1959, Paulo Cesar Saraceni) e *Aruanda* (1960, Linduarte Noronha), o longa de ficção *O Pagador de Promessas* (1962, Anselmo Duarte), o curta-metragem *Couro de Gato* (1962, Joaquim Pedro de Andrade, episódio de *Cinco vezes favela*) e o impactante *Deus e o Diabo na Terra do Sol* (1964, Glauber Rocha)]

Dividido em sete capítulos, o livro de Jean-Claude faz um acurado estudo sobre o cinema brasileiro daquele período. No total, Bernardet analisou e comentou



oitenta e dois (82) filmes produzidos no Brasil entre 1958-1966 (as fichas técnicas, completas, encontram-se no final do livro – págs. 201/209), dirigidos (entre outros) por Alex Viány, Glauber Rocha, Nelson Pereira dos Santos, Paulo César Saraceni, Leon Hirszman e Carlos Diegues.

A análise centra-se nas personagens principais desses filmes, desnudando o viés político, social e cultural contido nos mesmos. Diante disso, as questões estéticas e artísticas se tornam secundárias. No início de seu ensaio, o autor enfoca a sociedade brasileira oriunda da euforia desenvolvimentista dos anos de 1950, chegando até ao ceticismo da década de 1960.

Essa sociedade é representada basicamente pela classe média da época, de onde vieram muitos dos cineastas. Jean-Claude ainda tece comentários sobre as políticas culturais e principalmente seu público alvo, focando a importância do cinema brasileiro como representante da identidade cultural do país.

Segundo Bernardet, referindo-se ao cinema nacional:

[...] Ele é oriundo da própria realidade social, humana, geográfica etc, em que vive o espectador; é um reflexo, uma interpretação dessa realidade (boa ou má, consciente ou não, isto é outro problema). Em decorrência, o filme nacional tem sobre o público um poder de impacto que o estrangeiro não costuma ter. Há quase sempre num filme nacional, independente de sua qualidade, uma provocação que não pode deixar de exigir uma reação do público.<sup>2</sup>

Contudo, naqueles anos conturbados, a cultura engendrada por alguns setores da classe média, ligados à arte intelectualizada, produziu “[...] um cinema que não tinha público. Esse fenômeno não é isolado: não é apenas o cinema que não chegava ao grande público; era todo um movimento cultural e político”.<sup>3</sup> Entretanto, no cinema brasileiro pré-1964 o “herói” principal é um representante do lumpemproletariado.<sup>4</sup> É

<sup>2</sup> BERNARDET, Jean-Claude. **Brasil em tempo de cinema** – Ensaio sobre o cinema brasileiro de 1958 a 1966. São Paulo: Cia. Das Letras, 2007, p. 32.

<sup>3</sup> Ibid., p. 40.

<sup>4</sup> Ibid., p. 50.

um cinema com temáticas rurais (privilegiando a região nordestina) e urbanas (majoritariamente as periferias-favelas), compactuando com um momento singular, no qual as tensões sociais e políticas se agravavam, polarizando as ideologias estimuladas pelo auge da Guerra Fria.

Enfatizando personagens da cinematografia brasileira como Antônio das Mortes (1964, *Deus e o Diabo na Terra do Sol*), Fabiano (1963, *Vidas Secas*), Marcelo (1965, *O Desafio*), Carlos (1965, *São Paulo S/A*) ou Gaúcho (1965, *Os Fuzis*), dentre outros, Bernardet dissecou parte da realidade brasileira retirada pelo prisma da intelectualidade de classe média, que buscava *a priori* denunciar as ligações existentes entre a elite econômica e o governo. No entanto, os cineastas cinemanovistas não conseguiram abordar em suas obras as classes dominantes, pois



a burguesia industrial é tabu, e os cineastas brasileiros tomarão os devidos cuidados para que ela não seja posta em questão nos filmes e para que tampouco apareçam os operários, que não poderiam deixar de ser relacionados com a burguesia, tudo isso sem ferir a orientação política dos líderes de esquerda.<sup>5</sup>



De todos os personagens do cinema brasileiro analisados por Bernardet, Antônio das Mortes (vivido magistralmente por Maurício do Vale) é o mais emblemático e o que traduziu melhor aquela ocasião (1964) de incertezas que assolava o país, mesma espécie de encruzilhada do destino. Jean-Claude (ironicamente) dedicou-lhe seu livro.

A personagem Antônio das Mortes é um jagunço a serviço das elites oligárquicas e retrógradas, porém não se vê inserido ideologicamente no discurso desse segmento social, nem tampouco lhe interessavam as questões que afligiam a maioria da população brasileira, expropriada e desamparada ante a ineficiência (ou ausência) do Estado brasileiro no âmbito social e econômico. Antônio das Mortes é uma espécie de síntese alegórica daquele momento dúbio e angustiante, desprovido de maniqueísmo, assumindo o protótipo das incertezas, no qual o Brasil adentrava.

<sup>5</sup> BERNARDET, Jean-Claude. **Brasil em tempo de cinema** – Ensaio sobre o cinema brasileiro de 1958 a 1966. São Paulo: Cia. Das Letras, 2007, p. 48.

O livro de Bernardet é instigante e leva o leitor a fazer consideráveis elucubrações sobre a História recente do Brasil por meio do cinema e de sua linguagem e estética peculiares. Podemos também, no decurso de uma leitura crítica do texto, constatar algumas contradições implícitas que eram características da retórica conservadora da elite cultural dos anos de 1950/1960 ligadas ao cinema (críticos, jornalistas, historiadores de cineastas de formação neorealista). Para o autor, o cinema nacional é a “identificação do povo com sua cultura”, mas em seu ensaio analítico (com as produções de 1958 a 1966), vários filmes escaparam de sua apreciação crítica, como inúmeras chanchadas na fase final do gênero mais popular da cinematografia brasileira.

As comédias protagonizadas e dirigidas por Amácio Mazzaropi (1921-1981) faziam enorme sucesso popular desde a época áurea da Companhia Cinematográfica Vera Cruz, e “inexplicavelmente” ficaram de fora do estudo de Jean-Claude. Torna-se evidente o preconceito do autor (e da intelectualidade da época) com relação a um tipo de cinema que detinha estreita empatia com o público, revelando o privilégio de analisar apenas uma pequena parte do cinema brasileiro produzido por uma elite cultural vinculada a determinadas correntes ideológicas e estéticas.

Na relação dos filmes apreciados analiticamente por Bernardet, é lamentável a exclusão de obras como *O Homem do Sputnik* (1958 – direção: Carlos Manga), uma chanchada que demonstra cabalmente a importância do gênero na História do cinema brasileiro, negando o estereótipo de “cópia pobre” dos filmes de Hollywood. As chanchadas, de ingênuas, possuíam apenas os títulos, pois eram irônicas, ferinas, escrachadas e divertidas ao retratar a sociedade brasileira do pós-guerra.

O Cinema Novo, em sua fase final como movimento, produziu o filme *Macunaíma* (1969 – direção Joaquim Pedro de Andrade), atestando que a ortodoxia divulgada por cineastas como Glauber Rocha não poderia ser regra para a edificação de um cinema de autor, engajado politicamente e inovador como arte. Inteligentemente, Joaquim Pedro de Andrade absorveu aspectos das chanchadas, inserindo-as no contexto estético do Cinema Novo, comprovando que o radicalismo ou o purismo dentro da arte cinematográfica não deve se transformar em norma inquestionável.

Tais observações não comprometem o belo ensaio de Jean-Claude Bernardet, muito pelo contrário, suscita o debate, gera polêmicas e resgata uma época particularmente rica do cinema brasileiro e de nossa história. Obras desse calibre,

felizmente, são fadadas à atemporalidade, como o é Antônio das Mortes, poderosa metáfora sobre um Brasil do passado, repleto de incertezas.

Transcorridos mais de quarenta anos, muitas incertezas ainda permanecem, misteriosamente, intactas.



[www.revistafenix.pro.br](http://www.revistafenix.pro.br)